

Quando pessoas boas fazem coisas más

J. Roberto Whitaker Penteado

Há 20 anos, um rabino americano, Harold Kushner escreveu um livro de muito sucesso que se chamou em português Quando coisas ruins acontecem às pessoas boas. Kushner tratava da doença fatal de um filho e ninguém disse "ou dirá" que os sentimentos que o levaram a escrever o livro não fossem totalmente legítimos.

Só que, muitas vezes, a sabedoria convencional erra. Mais freqüentemente do que se ousa admitir pessoas boas estão na origem de pensamentos, palavras e atos decididamente perversos.

Há que explicar. Quando se ouve falar de pessoas boas e pessoas más, lembro-me sempre de uma dessas frases magníficas que a gente lê "de vez em quando" e nunca mais se lembra onde nem quem a escreveu... O original era em inglês e dizia algo como: O mundo está dividido entre pessoas boas e pessoas más; e são as pessoas boas que fazem a divisão.

Claro que isso significa que os conceitos de "bom" e de "mau" são tão relativos quanto quase tudo. A maior prova histórica disso é que Jesus "uma pessoa boa" foi crucificado entre um "mau" ladrão e um "bom" ladrão.

Mas estou-me referindo à grande quantidade de episódios recentes e antigos em que os resultados das ações iniciadas por essas chamadas pessoas boas, com ótimos propósitos, acabam tendo resultados catastróficos. Talvez o mais extraordinário deles tenha sido a inquisição católica "que levou a acima mencionada divisão de pessoas às últimas conseqüências. Coisa que parece ter acontecido, também, com a longa saga das cruzadas (que têm melhor imagem, hoje, do que o santo ofício" como demonstrou o presidente Bush, propondo revivê-las, logo depois do 11 de setembro).

Um exemplo de pessoas boas fazendo coisas más é o da polícia brasileira. A dominação mental dos filmes americanos no nosso imaginário criou a imagem de que a polícia é boa e os bandidos são maus. Assim, apesar de uma incontável série de episódios em que ficou bem claro que há gente perfeitamente iníqua envergando uniforme e praticando crimes hediondos, na grande maioria dos casos, a nossa imprensa insiste em divulgar as versões "oficiais" dos muitos crimes do nosso cotidiano.

Mesma coisa acontece com as ONGs. Quem pode falar mal delas? No entanto, um professor americano, Joel Best, escreveu um livro (Damn lies and Statistics) que considero imperdível para quem não tem medo de pensar, demonstrando que a mídia, os políticos e os ativistas estão entre os piores manipuladores de dados para tentar provar aquilo que querem provar.

Nos anos 80, para atender a um chamado profissional, fui obrigado a ler inteiro o famoso relatório do cirurgião geral dos EUA "de 1964" sobre os malefícios do fumo, origem da verdadeira caça às bruxas que se instalou no mundo todo, sacramentada pela OMS (que tem seus motivos inconfessáveis para desviar a atenção de outros problemas de saúde ainda mais graves). Esse texto não suporta a menor análise crítica a respeito das estatísticas que reproduz. Mas ninguém diz isso ou escreve.

Estão acontecendo coisas semelhantes em relação às atividades da propaganda e do marketing no Brasil. Como, aparentemente, são as pessoas boas que estão querendo cercear e censurar nossas atividades, a sociedade e a mídia não abrem espaços para segundas opiniões. Isso poderá acarretar graves conseqüências para a liberdade de expressão e outras liberdades.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Quando pessoas boas fazem coisas más. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, fev. 2004. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=345&ID=192>>. Acesso em: 21 out. 2009.